

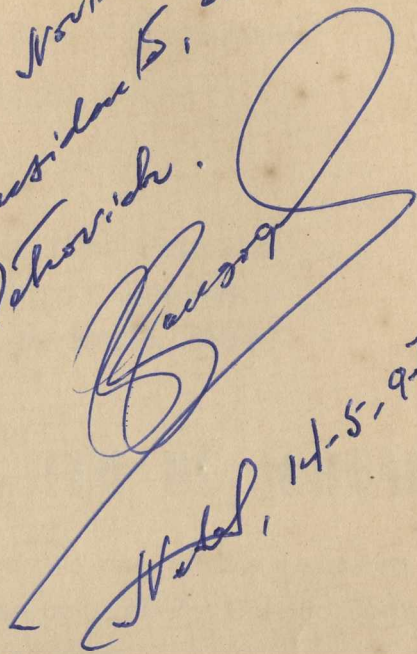
CEL. P.M. GERALDO GONZAGA

PALESTRA DE FIM
DE JORNADA

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO — NATAL — 1973

T

Pro Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte, através
de seu d.d. presidente, o R. Ené-
lio Lima Petrovich.



Hotel, 14-5-975.

**Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte. 2003**

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

T

Geraldo Gonzaga

POLÍCIA MILITAR — Documentário

Publicação Avulsa

**Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte. 2003**

PALESTRA DE FIM DE JORNADA

Pronunciada no círculo dos oficiais e separata da mensagem dirigida à Tropa pelo cel. PM Geraldo Gonzaga, na sua despedida da Polícia Militar.

17 de março de 1972.

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

T NATAL — Rio Grande do Norte — 1972.

GERALDO GONZAGA

PALESTRA DE FIM DE
JORNADA

T

UNIVERSITY OF TORONTO

ALBERTA DEPT. OF
EDUCATION

Sr. Cel Comandante Geral

Srs. Oficiais, por que não dizer meus irmãos:

INTRODUÇÃO

Achando-me de licença-premio após o *curriculum vitae* de trinta e tres anos na caserna, entremente, chegou a vez de alcançar minha transferencia para a inatividade, e vim, agora, despedir-me da convivencia nesta velha casa, trazendo meu cordial abraço aos companheiros que lhe continuam a jornada.

Além disso, sempre manifestei a intenção de, quando chegasse esse evento, abordar certos aspectos que evoluíram na Polícia Militar de minha data de praça em diante, a título de simples depoimento que não mais se adie da parte de minha geração para com os camaradas mais novos. Aqueles que servem depois da mudança para este quartel não têm o sentido de onde e como para aqui emergimos.

A retrospectiva é desses anos todos. O perpassar das décadas, desdobradas em quadrienios e quinquenios mudando a face do tempo e das coisas. O refluir de ciclos macheados malhando os elementos em que se tem o velho arcabouço da organização. Tentarei expor, na visualização dos fatos, alguns apontamentos, memórias e notas que jamais acudiriam ao cronista ou autor de lá de fora.

A nossa história é uma manta de retalhos, com pontos tão fráguas que se tem medo de tocar e sair rasgando. O que é comum a todos os muros. Para isso concorrem fatores combinados. Jamais cessámos de trabalhar em busca do aperfeiçoamento, na lonjura que dele nos separa. Usuários do serviço que prestamos não valorizam o nosso esforço. Os que nos passam aredios ou antagonicos também sofrem muito. A vida é um inferno.

1ª PARTE

Saio da Polícia Militar muito agradecido pelo tecto, o pão e a enxerga que ela me deu. Foi também a única escola que pude alcançar na vida. O que vi, sofri e aprendi, para mim basta como vividas e inseparáveis recordações. Como dizia o político, deixo-a com saudade, alegria, tristeza...

Na minha juventude (não estouvada) quando me pulsou o coração por um emprego, o caminho que descobri foi esse — ser soldado da Polícia, embora por motivos longos de explicar não o devesse seguir.

No antigo quartel, porém, como se já tivesse comigo certo grau de familiaridade, a então Força Pública Militar me recebeu e acolheu generosamente. Fiz ali a minha primeira barba. Metido na farda, havia de ser um desajeitado como sempre fui. O biotipo, o peso, o raquitismo, em suma, a fealdade do mestiço do litoral (estudada por E da Cunha) haviam de traír-me aonde quer que fosse. Não por frustração, mas de minha índole infensa a artificialismos, não aprendi comunicar, fazer contactos, além do ambito do quartel, e assim minha vida tornou-se laboriosa e afastada.

Por tais evidencias, tinha que educar pessimamente o meu gosto, contrapondo-me aos costumes da época em que ainda vivemos. De minha falta de relações, sem procurar fora o movimento agremiativo, mundano e político-partidário, faço agora auto-crítica por ser tudo isso necessário aos membros da corporação, de que precisa ela para não virar velha borralheira...

É o que deponho como excusa às minhas inutilidades no oficialato. Os outros meus defeitos que não sei quantos postos ao comum da vida, aqui dentro, creio que poderiam ser contrabalançados por algum trabalho que desenvolvi. E de meus percalços, penas e amarguras do eito, eu me dou, enfim — à fé de Deus sobretudo — plenamente resgatado, e satisfeito, consoante mesmo a filosofia de que tudo é bom quando acaba bem.

A Velha Guarda

Desejo a todos vós um prosseguimento de marcha e carreira mais brilhantes. Os homens do meu tempo, de duas décadas para trás, vimos e enfrentámos situações mais difíceis e carenciais do que a atual, e no passado mais distante,

em relação aos que nos antecederam, esses é que tinham para contar de como aberravam a nossa organização e posição no quadro geral do Estado (1).

A velha guarda que encontrei em 1938, (2) com seus autodidatas de porte respeitável, de mentalidade porem arancada do fundo do século, meramente literária, foi-se despedindo sem ter exercido influencia capaz de evitar o fastio que se apossou do cel Anfré Fernandes no comando, de forma que de 1940 em diante continua exercendo o cargo apenas nominalmente.

Esse comando aliás muito falado pelo desgaste que não era de se esperar, passou de resto sem mais interesse, morrendo nele próprio o influxo que animara a vida no Corpo nos dois primeiros anos.

Tinham caído a política dos governadores e a oligarquia. Findara o ciclo das revoluções sanguinolentas. Os comunistas de 35 se achavam recolhidos à Ilha das Flores. Governava firme a ditadura do Estado Novo, mas nem por isso e apesar dos efeitos mais vivos da guerra, no tempo do Trampolim, não se atentava para a manutenção da ordem pública, face, pelo menos, a visível decadencia que apresentava a força estadual.

O DIP, atravez do controle à Imprensa, se encarregava, então, de incutir na alma popular as excelencias do Getulismo, achando-se que tudo ia bem. Com a hibernação política cessaram as manifestações de rua, os doestos da opi-

1 — A tropa da PM no século passado não tinha expressão nem como simples guarda pretoriana na Capital. Foi imperativo de sua criação (1836) o ambiente de desordem que lavrava no País, quando cedia o regime do patriarcado rural e começavam as explosões primárias dos movimentos de rua ameaçando a unidade nacional e a Independencia, no tempo da Minoridade. Com efetivo e organização deficientes, porém, não atendia, de modo mais gritante, à necessidade de emprego em operações militares, e, por seus servidores deixados à mingua de quaisquer garantias, sua presença e atuação seriam por demais modestas e de muita sujeição a interesses político-partidários na Província. Assim foi que sobreveio o batismo de fogo em movimentos dos colégios eleitorais do Martins e Açú (Luiz da Camara Cascudo — História do Rio Grande do Norte) e daí foi até à barricada contra José da Penha em que tanto se louva o velho comandante Caldas em sua ordem do dia de 22.7.1913...

2 — Tinham saído para a Inatividade Vitoriano, Napoleão, José Rosa, Nicácio, e mais recentemente Luiz Júlio, Genésio, enquanto continuavam servindo Jacinto, Glicério, Moura, Laurentino, Solon, Severino Elias, Juventino, Gadelha, Carvalho, Inácio Vale, Ajax, os mais antigos.

nião descontente com os de cima. Era a quadra remansosa em que só ao longe ouvia-se falar na ação desenvolvida pela polícia política na Capital da República.

No nosso caso, íamos sendo tratados como músicos no fim da festa.

Retrospecto

Depois das lutas do Batalhão de Segurança, em defesa do antigo regime, do poder ameaçado na Província que ainda vivem na memória de antigos servidores, e que fora do quartel são chamadas de lutas cívicas do Rio Grande do Norte, de sua história republicana, dera-se o encalhe da Revolução Liberal (1930).

A tropa devia então ter-se batido e não se bateu com a coluna que descia da Paraíba trazendo a vitória do movimento para Natal.

Reconhecemos sem nos entibiar, e de passagem se menciona, que sempre foram mínimas as condições dela de frontar-se, tanto com elementos rebeldes, como até mesmo nos choques frente ao cangaceiro agressivo ou acobertado (1). Nas ações em que se criou sua modesta tradição de luta, foram os lances episódicos de chance que coroaram a bravura de seus troços combatentes. Seja talvez por isso que tanto os exaltamos.

O efetivo à base de tres simples companhias, além da inseparável Banda de Música, donde vinha a composição e denominação de Batalhão de Segurança (2) desde o começo do século, não poderia render mais do que redeu nas contingencias enfrentadas anos a-fora. Certo é que se não fora o vulcão do Salvacionismo, a dotação em pessoal teria estagnado mais.

Afastada a ameaça de José da Penha (1913), sem intervenção do Comité das Salvações no Estado, nem o efetivo sofreu alteração, nem melhora houve em material, embora o

1 — Em relação a Lampião, diz o maj PM Optato Gueiros — Memórias de um Oficial Ex-combatente de Forças Volantes — Recife (1953) — que em Pernambuco, Ceará, Paraíba, Baía e Sergipe, além de franca provisão de munição que lhe não faltava, o cangaceiro vivia cercado de gente *gran fina* jogando noite e dia, servido da mais fina bebida e nutrindo-se de melhor alimentação. Se fosse falar de amigos de lampião, que com ele comerciavam, seria obra a publicar cinquenta anos depois de sua morte.

2 — Era-lhe mais antiga a Banda de Música, espécie de prenda de referencia na cronica do tempo, pelo seu desempenho artístico, tocando de graça para o Estado todo.

ambiente no País continuasse agitado por sucessivas revoltas que vinham sendo combatidas com o auxílio das Milícias estaduais.

Nos idos de 1922, em pleno desencadear de acontecimentos político-militares que faziam perigar as instituições, é baixado o Decreto nº 190, de referencia ao Acordo firmado com a União em 1917, mas o diploma veio apenas consolidar normas da rotina interna. Não aludiu a via ou meio próprio de mobilização no caso de emprego do pessoal na área interestadual.

Era enfim a Província, onde não havendo interferencia alienígena, morre-se de pasmaceira política. Como variação devia constituir maior interesse saber pelas rodas e cafés da Capital como ia resistindo o Romantismo. Não só lia-se os "Poetas" (1), seria tempo também de Teatro, nas encenações de revistas sobre costumes locais, no genero de "Natal em Camisa", como daí era um passo às serenatas que se multiplicavam, ou ao baile onde dansava a "Gizinha"...

Ainda não regressara a companhia que fora ao Maranhão integrando forças legais para dar combate à Coluna Prestes, na fronteira com o Ceará, felizmente não se deu o massacre do contingente para alí enviado afim de rebater aquela horda rebelde que ja revertia para o Sul.

A força era de uns quarenta homens, e o que pode fazer foi ficar numa insegura base em Pau dos Ferros tentando pequenas explorações à distancia dos acontecimentos em São Miguel.

As autoridades eram tão mal informadas que telegrafaram a um representante na Serra avisando que preparassem a defesa contra a passagem de uns setenta rebeldes (2) desmuniçados, e quando estorou alí foi a Coluna toda, com um grosso de 800 a 1.000 homens, dando-se a invasão da Vila.

Em guarda, sem nada poderem fazer, obviamente, achavam-se duas dezenas de populares sertanejos (3) ao lado do destacamento policial composto de um cabo, um anspeçada e dois soldados!

Subsequentemente, no ataque de Lampião a Moçoró (1927), a população civil foi que atuou na defesa da cidade.

1 — Coletanea "Poetas do Rio Grande do Norte" — Ezequiel Wanderley (1922).

2 — Rebeldes eram chamados aqueles que fizeram as guerras fratricidas, notadamente no decorrer da primeira República.

3 — Eram recrutados ou acorriam voluntariamente em defesa do governo aqui e acolá pelo interior brasileiro por onde passavam os rebeldes, sendo chamados de "patriotas civís".

Em número o pessoal da Polícia Militar era tão escasso que não se guarda registro da ação naquela emergencia.

Pouco antes, entre Luiz Gomes e Marcelino Vieira, de uma pequena força volante que se retrai, impotente para interceptar Lampião e seu grupo de cinquenta e tres facínoras, na marcha para Moçoró, destaca-se o sacrificio do soldado José Monteiro que ficara combatendo sosinho até tombar morto.

Tudo isso é inverossímel mas é histórico. Por sinal, aliás, na bibliografia sobre esses fatos (1) o autor terá nos poupados de irrisões maiores.

Na esfera estadual, os quadros dirigentes, a estrutura do coronelismo rural, o poder renovando-se na mesma casta, encanam o Batalhão de Segurança como tropa caudatária e fragmentária, difícil de reunir-se para operar em conjunto, ordenadamente. Para quantas missões teve de abalar e nos diversos recontros, sobretudo na década de 20, sempre lhe faltaram as mínimas condições táticas de engajamento. Demais, tida a sua manutenção como pesado onus, não lhe dava o governo o tratamento ao menos relativo à sobrevivencia entre as quatro paredes de seu velho quartel onde tudo faltava (2).

A Revolução Liberal

Administração de alternativa se verifica pela primeira vez, com Juvenal Lamartine. O cel Dantas no comando (1928/30) realiza obra digna de nota, pelo que foi feito em aquartelamento, instalações, reajuste do efetivo, organicidade (3), instrução e disciplina.

A corporação nesse curto espaço de tempo, num desmentido à sempre alegada impossibilidade de se fazer por ela algo apresentavel, adquiriu fisionomia nova e se dava como preparada em condições de emprego em qualquer eventualidade.

Daí a expectativa geral em torno de sua conduta de ação em 1930.

1 — Os livros “Lampeão em Moçoró” e “Os revoltosos em São Miguel” de Raimundo Nonato da Silva.

2 — Contado por quem então servia, as instalações eram uma lástima. Até 1928 foram a mesma coisa mau abrigando a tropa o velho prédio térreo apratado na íngreme ladeira do Passo, desocupado pelo antigo Hospital de Caridade.

3 — Desapareceu o Btl de Segurança por fusão no Regimento Policial Militar, organização baixada pelo Dec n.º 469, de 4.2.1930.

Falhara, porém, o esquema de defesa contra-revolucionário no Nordeste, chamado então de Norte da República. Caindo logo a situação em Pernambuco, era impossível resistir-se ao cerco de forças daquele Estado e da Paraíba.

Luiz Júlio

Com Luiz Júlio rejeitando, não aderindo á revolução, resta ser vista sua atitude quanto ao drama em que se viu de véspera, investido, interinamente, no comando. Isto é, se não a tomou, sobretudo, por lhe ter faltado o consenso da oficialidade para tentar a resistencia que fosse possível.

O obscuro miliciano tinha a disposição dos bravos (1), e, devoto, também, da honra militar, viu, certamente, que ao recuo seria preferível o desastre da tropa no cumprimento da missão ensejada. No salve-se quem puder do governo que escapava à deposição, fora-lhe cometida a grave responsabilidade de ficar mantendo a ordem no Estado, e assim não se conformou com nada poder fazer.

É como se explica, ao meu ver, o subjetivismo que o levou a enfrentar o jogo difícil fugindo às regras de, por sua conta e risco, afastar-se da atividade numa fuga de tudo e de todos.

Não se atentou para essa face da questão, glosando-se o fato no cunho que lhe deram exclusivamente político-sectário.

De 1930 a 35

Seguiu-se a confusão que se apoderou dos espíritos. O inconformismo, algum sentimento de culpa talvez, iam afundá-los na quarentena da revolução, indispondo-os com o fenómeno do tenentismo que subia agitando, inclusive, o processo de delenda as forças estaduais.

Arrebata-os a chamada campanha do partido popular, ao fim da qual, em 1935, podia-se perguntar para qualquer lado no quartel se tinha havido vitória ou derrota. No escarceu da virada em outubro, pelos que se achavam fora de portas e agora revertiam, o antigo Batalhão em peso, urgia dar cabo à tropa da qual se dizia ter-se comprometido dire-

1 — Na intentona comunista de 35, transpuz a linha de fogo dos rebeldes debaixo de balas para penetrar no quartel, onde comandou a resistencia até o fim, saindo da refrega coberto de cascalhos de pólvora, dir-se-ia como um comandante da Lapa.

tamente pelos atos de violencia e delitos praticados, fazendo a praça do situacionismo na campanha perdida.

Seria grande o número de exclusões sumárias, até o expurgo de quanta gente a ser posta na rua, havendo também os mercenários . . .

Contanto que se não apelasse comprometendo o significado do feito contra a intentona comunista de novembro seguinte. O fato é que no processo acerca da subversão deu-se o enquadramento de camaradas infensos que por aí foram jugulados. De sorte que se longe chegou o éco da ação de combate atravez da Imprensa do País em rasgados elogios à corporação, disso nem todos os camaradas partilhavam.

Pela discriminação, a muito decerto terá causado efeito diferente o poder de legenda que fala daquele "painel luminoso de sua bravura", da valentia com que se bateram em defesa da legalidade.

Como o maior mal que nos atacou, pela crueldade dos efeitos observados internamente sobre pessoas e na organização, a proliferação do partidarismo político, de 1930 a 35, é o abandono do sentimento de amor ao Corpo de Tropa; a tirania exercida sobre a camaradagem e a ombriedade, onde predominam o facciosismo, a paixão, o ódio, acirrando, entre companheiros, a luta de interesse, dando lugar a tantas perseguições e injustiças que foram praticadas.

Felizmente, ninguém em tempo surgiu que lhe escrevesse a monografia

A Velha Guarda — Conclusão

Esse parentese aberto na referencia que fiz inicialmente à velha guarda, enchendo papel e vossa audiencia — meus camaradas — é o fundo histórico, a moldura onde pontificaram aqueles nossos maiores.

Ora, todos já encanecidos e fatigados vinham dessas lutas e vigílias que marcam, justamente, o âmago do nosso passado. Portanto, se não poderam alí por 1940 conter o retraimento do comando, escusado é atribuir-lhes a culpa da falta de interesse ou de ação.

É a crítica de superfície, sem exame e dedução razoável, que nos tem apontado, fatalmente, como responsáveis pelo que se faz ou deixa de ser feito aqui dentro. Símbolo ou parábola, assim diz-se que os comandos, as administração passam e a Polícia fica. A traduzir-se, aliás, pelo que sabe o servidor mais antigo, de que nossa vida ganha o ritmo da maré, de fluxo e refluxo, mas sempre continuando.

Um sortilégio

Fora alcançado o enquadramento da tropa, como necessidade inadiável após o esfregão político de 35. O comandante Josué Freire (1936/37) iniciara rapidamente o trabalho, difundindo quanto possível a instrução, abrindo conferências no quartel, criando os cursos de formação que datam desse tempo. E pelo próprio cel André Fernandes, a partir de 1938, a ação orientada no mesmo sentido se faz mais atuante com a ampliação do programa de alcance também ao aperfeiçoamento dos quadros.

Juntando-se ao movimento o brado de idealismo dos que editaram o jornal "A Voz da Caserna", custava crer que daí mergulhássemos na fase de maior apatia, que abrangeu toda a ecalada do anos 40.

Em 1939, veio ficar sedeadado em Natal o 31º BC, pois sem outra força federal no Estado, a PM é que vinha guardando. O fato é que em pouco tempo a soldadesca com a daquela unidade foi à baderna, sucedendo-se conflitos de rua difíceis de controlar. As autoridades, o comando, preocupados no momento em que se cogitava de ser aqui ponto estratégico na guerra, adotam sair pela tangente ao que sobreveio o esvaziamento da tropa.

Não se percebia que fosse por isso, mas não podia haver tanta má vontade determinando pura e simplesmente o desestímulo imposto. Para a redução do pessoal na sede, além de saídas para os destacamentos, deu-se o estrangulamento de atividades vitais: a conclusão de cursos sem possibilidade de acesso por aparas no efetivo causou desgosto geral, e muitos camaradas foram deixando as fileiras.

Caiu de vez o expediente no quartel, transformado, de resto, numa casa oca, o fogo apagado, onde habitava o pessimismo.

Extranho sortilégio que foi positivo para ultrapassar-se no tempo os conflitos com irmãos de outra farda desde então nunca mais verificados.

Era o tragicômico, o primeiro sabor azedo de se pertencer à força estadual. Emulo do soldado de linha, o nosso miliciano enfronhou-se nisso — a farda, a continência, a posse. Aquele olhava-o desdenhosamente. Não podiam encontrar-se, rolavam as correrias, os incidentes.

De uns versos do ex-soldado João Martins dos Santos recolhi essas sextilhas para amostra folclórica de como eram os casos:

Leitores prestem atenção
Um caso que vou contar
Deu-se aqui nesta cidade
No morro do Juruá
Foi um sururú tão feio
Que faz horror se contar

No dia seis de dezembro
Havia conspiração
Os soldados do Exército
Lubrificaram o facão
Nessa noite eles perderam
Seus cálculos foram em vão

Invadiram o cabaré
Soldados de parte a parte
Via-se dentro de casa
O maior espalhafate
Um louro pedia — não deixem
Que esse polícia me mate

Na fase mais dura da guerra, efeitos da mobilização geral decretada em 1942 criaram em Natal uma verdadeira praça militar pelo efetivo de tropas que compunham a Guarnição.

Eu fui daqueles que sentam praça, vêm as coisas por dentro, aceitam e continuam gostando. Predominou esse espírito nos que permaneceram servindo, pois tudo enfim era servir.

A tropa desfeitada, sem apoio material nenhum, o homem traindo a figura do último Tântalo ou a do soldado que Eça chamava de puro filho de Adão, passava esgueirando-se no ambiente que regorgitava de outras fardas.

Cessaram as desavenças, mas recrudesceu logo ali o apelido de mata-cachorro na versão ainda mais chinfrim com registro na primeira edição do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

O sociólogo Luiz da Camara Cascudo, muito amigo da corporação, no visível intuito de desabafar, sai a campo numa pesquisa descobrindo e anotando (1) que a alcunha não era de origem local nem nordestina, e sim dum acampamento na guerra do Paraguai. Continuaram, porém, o soldado e a PM sendo chamados de meganha.

1 — Ata Diurna na “A República” — 1940.

Na Redemocratização

Os anos passam, as coisas se modificam ganhando outros aspectos, formando-se em torno nova opinião. A nosso respeito isso adiante ocorreu de modo tão lizongeiro que só por um milagre se conta como da velha imagem que guardávamos até o apelido foi abandonado.

Para lá chegar, todavia, passou como não se esperava o governo do general Dantas. Tão extraordinária fora sua ação no comando, mas vinha agora (1943) atirando com a coroa de benfeitor. Faz-se preocupado com determinados problemas, sentindo-se no quartel como que o peso de decisões traçadas em Palácio, visando pessoas unicamente, sem atentar para o ciclo regressivo em que nos debatíamos.

Falava-se de antigas sequelas de quando comandara, no gráu, porém, de quem não cultivava Jomini, para saber e sentir que “a ingratidão não tem pátria”.

Alcançando-se o após guerra, sofre-se outro imprevisto. Na Redemocratização (1945/47) entram os animos a ferver na tropa, e a externa do movimento aproveita a psicose contraída pelos camaradas em 35, puxando-os para outra participação.

Em síntese, para a eleição estadual, se a nau do governismo não se sentisse apoiada eleitoralmente, outra vez o circo teria pegado fogo.

O dispositivo montado se fosse preciso testar funcionaria mais suavemente do que na campanha marista. Sem se falar no apoio do Catete, na máquina administrativa vinculada de fora a fora nas repartições civis, de nossa vez a situação atraiu novamente o cel Aluísio Moura para o comando, e uma parte do pessoal com ela se identificava, sendo estimulada com a concessão de promoções sem curso e independentemente de vagas.

O pior é que a tropa se insinuava. Ia passando dividida, revirada, em cambalhota, afundada nessa crise de comando e direção que vinha de longe.

Cel. Aluísio

Com rápida parada durante a interventoria do general Orestes da Rocha Lima (1947), aquele estado de coisas continuaria no governo constitucional do dr José Varela. Seu partidarismo como se diria de extremos intermitentes, ditaria duas conjunturas que aproveitam abusando da boa fé do governante, para se permitir em maior escala o afilhadismo político em nossas fileiras.

Nem se podia esperar ação pronta do cel Aluísio, para dirimir os casos. Exponente do tenentismo, ex-Interventor Federal, tres vezes comandante da corporação, mas sobretudo um homem da Província, como que benzido para atuar em momentos de ação política difícil, e, desde a mocidade, atraindo-o de fato para isso a própria condição de militar, era, agora, um *antigo levita* empunhando o bastão do comando pelo centro para flexiona-lo entre os interesses da caserna, onde, em verdade, tratava os comandados como seus irmãos, e os do grupo político que nele confiava.

O novo quartel

Ha pouco mais de um ano, perguntava-me um ilustre conviva ao despedir-se duma festa que aqui se realizava sobre quem havia construido este quartel. Respondi pelo subconsciente que foi o dr José Varela, e lhe dava resposta certa.

Efetivamente, dele foi a determinação e partida para esse melhoramento. As paredes em respaldo do pavilhão principal como foram deixadas as obras no fim de seu mandato (1951), constituíam uma auspiciosa mensagem, o augúrio da nova casa, despertando interesses também novos no nosso itinerário.

No passado não houve cuidado pelo aquartelamento condigno. Em começo do século um governante fazia despejar a tropa de um prédio novo construido para o quartel, cedendo-o à União para outros fins. Só no comando do coronel Dantas o problema veio a ser solucionado por tempos.

Foram realizadas obras de vulto no quadrilátero térreo ex-hospital na ladeira do Passo, sem tempo de pensarem na impropriedade do local.

As instalações alí já velhas e arrasadas são visitadas um dia pelo general Orestes, quando no governo, indo ele diretamente ao assunto de que fosse logo conseguido um terreno para nova edificação.

O cel. PM Solon Andrade andou publicando um trabalho de pesquisa sob o título de "Capítulos de História da Força Policial", parece que não concluindo-o. Na parte que epigrafou de "Os nossos quartéis", falava de prédios alugados ou cedidos, e abrigos provisórios, de quando andava-se de seca a meca a procura de agasalho.

Como o general Orestes considerando em 1947, a necessidade urgente da mudança, no fim do ano seguinte, mediando quasi dois anos, internamente não acreditando-se mais na realização do projeto, em Palácio, o Governador extranhava seu paradeiro, fazendo toca-lo imediatamente para a frente.

Nota marginal

Era sobre nós nada menos de meio século de aflições, de quando começara essa história viva e bolida, na retranca continuada, até ali chegando a descrença que nos tirava o sentido da postulação em favor da própria unidade.

A infiltração partidária abrindo frentes sempre contrárias ao governo, só podia ser interpretada em nosso desfavor por incongenere mesmo com o corpo de doutrina, os deveres da farda.

O castigo vinha de uma maneira ou de outra, pois não havia sequer o interesse do mesmo grupo, quanto mais os de ordem geral. Estabelecia-se a área de atritos, as desavenças internas, enfim, era a ausência, o amortecimento do ideário comum em torno do qual é como admito que se participe.

Governo Sylvio Pedroza

Etiologicamente, o vírus dessa infiltração teria sido lançado pela atitude do velho coronel Caldas ao sair do comando para a inatividade, em 1914 (1). De 1930 em diante houve sempre quem o imitasse querelando pelos jornais contra o governo, e nunca mais se deixou de politizar nas ditas frentes.

Com o dr Sylvio Pedroza no governo, porém, fomos ensinados a ser mais moderados. Esse espírito de escol que assumiu o Poder por morte do governador Dix-Sept Rosado, (2) meses depois de iniciado o quinquênio 1951/55, brindou a corporação com um estilo novo e vigoroso de comando.

A fase mais progressista e fecunda vivemos na sua administração. O cel Luciano trovejava no seu dinamismo e operosidade, estabelecendo aquele ritmo de ordem, disciplina e trabalho, a que acudimos vibrando para somar esforços ao seu lado.

1 — Cf nota biográfica no "Panorama da Poesia Norte-Rio-grandense" — Romulo Wanderley — Ed do Val — 1965 — pag 281 — o Cel Caldas deixando o comando foi atuar na Imprensa de combate ao Gov Ferreira Chaves, o mesmo em favor de cuja candidatura, um ano atrás, fora ardoroso defensor nos episódios de José da Penha.

2 — O Gov. Dix-Sept Rosado, numa deferencia que sensibilizou a tropa, fez como primeiro ato de seu governo uma visita ao quartel da PM, logo após haver assumido o Poder, em 31.1.51.

Construiu-se a Polícia Militar de hoje. Se tudo que ela apresenta na visão global dagora não constitue obra daqueles cinco anos, deles, todavia, é o vínculo criador e propulsor para as implantações que depois vieram crescer.

Vede — meus camaradas — a praça! Para aqui viemos, em 1953, da casa oca, fantasmagórica, o fogo apagado do quartel à praça Cel Lins Caldas.

Decerto trabalhamos muito em jornadas de construção, que nos revigoravam em vez de cansar. O espírito de radicalização vivificou. Via-se a corporação por si mesma promovendo-se. Testemunhamos o momento histórico mais importante de sua evolução, os dias mais faustosos.

Numa representação na Parada de sete de Setembro, o escritor Luiz da Camara Cascudo, entusiasmado, anota para sua História do Rio Grande do Norte, que a Polícia Militar reorganizara-se, estrelando uniforme de gala. O tenente-coronel Reinaldo Almeida, comandante do G CAN, hoje distinto general do Exército, numa visita espontânea que nos fez, no seu discurso de saudação, afirmava que éramos a Polícia mais garbosa que ele conhecia. Num banquete público confraternizavam velhos companheiros da inatividade com os da ativa, ha cerca de vinte anos afastados uns dos outros, por malquerença de origem política.

O caldo de cultura

Essas e quantas outras imagens inesquecíveis daquele tempo. É como desejando-vos, meus jovens amigos, o mesmo entusiasmo de quando eu era tenente principiante, o gosto de servir que a corporação despertava.

O caldo de cultura hoje é bem outro, diferente de quando ingressei no oficialato. A escola de maior influencia ainda era o autodidatismo. Os cursos para o recrutamento dos quadros que haviam florescido ha dez anos praticamente caiam de interesse. Abria-se válvula a promoções sem curso.

Para nem um estudante universitário, agora, contam-se diversos deles servindo, e ganham vulto os cursos e estágios de especialização que fazem os oficiais em escolas de outros Estados e no Extranjeiro, de coordenação pela IGPM e sob os auspícios da Aliança para o Progresso.

A realidade da luta pela vida, porém, vai tirando a dedicação de servir com a farda nas costas batendo-se dois e tres expedientes diários.

Conheci um remanescente do antigo Corpo Policial (1), o segundo sargento reformado Gonçalo Emiliano, contemporâneo do lendário José de Paes Banda, o qual em se deparando com um soldado novinho, tratava de retirar-se sofrendo náuseas!

O uso da gravata de couro, colarinho em pé abotoado, com a túnica de brim cosida ao corpo, o culote amarrado à perna sob a polaina de sola rígida; e ainda o hábito da tarimba em prolongadas dobras do serviço; as jornadas a pé furando o interior, nas diligências ou para alcançar o destacamento longínquo, deram-lhe a entender na avançada velhice que o soldado devia ser teso e casmurro como no seu tempo.

Auto-determinação na PM

No fim do governo Sylvio Pedroza esse caldo estava como se diz lá em cima. Já esgotei o elogio à sua obra, sintetizando-o no "vede a praça". Todavia, os bens materiais não foram tudo, sinão, também, no que se refere à orientação traçada e seguida na conduta da tropa.

Quebrou velhíssimos tabús, arredando-a das injuções e clareando-lhe a noção do cumprimento do dever em termos de isenção. Tínhamo-la enquadrada e consciente como nunca. Conquistara a opinião, a confiança das autoridades, e nesse desiderato continuávamos o nosso trabalho.

Assim foi que, no quinquênio seguinte, realçávamos tranquilamente o comando, através do distinto companheiro cel PM José Reinaldo Cavalcanti.

Cel. Luciano

Com grande manifestação de apreço de seus comandados, o cel Luciano deixara o cargo da vez anterior, e agora se afastava sob expectativa.

A paixão envolvera-o pela obra da primeira gestão executada com apoio cerrado do Palácio. Como seu namorado fiel, à semelhança de Jacob, pretendia continua-la noutros cinco anos. Sabia que não se deve voltar para nada, mas até esse conhecimento sua paixão terá obscurecido.

Já da terceira investidura (1961/63), face os episódios no momento em que deixou a PM, dir-se-ia que levantava afinal a mira de comanda-la assim como o "romeiro de um ideal ludibriado".

1 — A denominação de Corpo Policial é tomada aqui como precedente à de Batalhão de Segurança.

A Ocupação

Na sua liderança política o Governador Dinarte Mariz cá sempre contou com dezenas de oficiais que o seguiam nos bons e maus momentos. Recordar-se que não apoiando a principio o governo José Varela, os de seu lado continuaram também recalcitrando. Agora no Poder tinha que ser muito identificado conosco.

Forças demolidoras na campanha de sua sucessão não viam que a posição que defendíamos era de obediência a norma legais e dentro do critério de que ao chefe que sai deve-se dar o máximo apoio. Na sequencia dos dez ultimos anos, tínhamos começado a entrever o deserto e suas miragens, mas vão minando, sitiando, arrastando a corporação, enquanto dobrávamos o esforço de quantos camaradas para resistir-se ao vendaval até o fim.

Mas só Deus sabe como não aconteceu ali logo a desgraça. Estava escrito no livro do Destino e do nosso sofrimento que a escalada seria aquela até a Ocupação.

Viram, no entanto, as autoridades do 4º Exército e da Guarnição de Natal, o general Justino Alves Bastos, coronéis Mendonça Lima, Sylvio Caú e Rolindino Manso, o próprio comandante da vanguarda do 16º RI sobre o nosso quartel, o major Mosca, além do novo comandante que nos foi designado, cel Sylvio Ferreira, que éramos uma corporação destrutada.

Eu não devia evocar tal acontecimento, a supor também sua carga como passada pelo escoadouro comum dos anos 60. Os reflexos duráveis, porém, custarão desaparecer, isto é, por muito tempo permaneceremos apeados, inibidos, sem poder a corporação assumir uma legitima atitude de desassombro.

Nem o comando do cel Sylvio Ferreira, dando enfase ao levantamento do estado psicológico do pessoal, nem a seguir o do cel Milton Freire, com maior tempo concedido para nos refazer e andando-se com ele tão bem nesse sentido, poderiam ter produzido o milagre completo da reabilitação almejada.

É a situação lenta, sofrida, sentida, que se tem para atravessar. Fui solidário com os camaradas desde que não pude comunicar-lhes, com efeito, a maneira como procederemos que seria adodando o mesmo argumento pacífico de Humberto de Campos, de que os defensores da cidade de Leide, quando, também, ameaçados de ficarem sem meios de subsistencia, e instados por isso a capitular, atalhou aí o comandante da praça dizendo: "que quando não tivessem

mais o que comer, comeriam o braço esquerdo, e com o direito combateriam até a vitória ou até a morte”.

Nosso combate seria outro. Nem precisaria comer o braço esquerdo, sabendo-se que os governos passam e a polícia fica.

2ª PARTE

Por fim sabeis — meus camaradas — aqui servi deixando quasi toda minha vida, mas continuarei seguindo-vos enquanto viver. Isso comunica ao coração até de quem pouco tempo passou em nossas fileiras, sem deixar raízes, quanto mais ao meu.

Tem essa peculiaridade o contacto com a tropa estadual. Deve ser do sentimento telúrico e da convivência onde todos se conhecem e se aturam como em família.

Lembro a propósito que nem essas razões evitaram o rompimento de camaradas no passado, mas a reconciliação de que já falei serviu de motivação que seguimos prevendo sair sem deixar o desafeto e encontrar na rua com quem se conversar.

Temos que unir cada vez mais. É muito pequenina a pirâmide, o bloco que compomos, sem deixar de mostrar-se inquieto na contemplação do futuro. Sobre as naturais desavenças dentro de casa deve predominar o espírito que cultive a lição do feixe de varas. Temei que os pequenos desentendimentos se agravem na confusão política que um dia virá bater de encontro ao portal do quartel. Tanto melhor se isso nunca mais ocorresse.

Fala-se presentemente num plano de integração nacional, e provera Deus que nele se consubstanciasse o regime de ordem em que vem funcionando o instituto político-administrativo.

Nasci um liberal e democrata, aprendendo fora de escola a sentir como deve funcionar o regime republicano federativo. Em busca de suas franquias tem andado o Poder Civil desde a primeira constituição, e já depois da Revolução de 64 houve tentativa para abrir-se no País o processo democrático. De resto, várias camadas da Nação não se interessam por isso, face o sofrimento do povo na unha do político agindo em liberdade.

No Brasil já foi derramado muito sangue, lutando uns a favor e outros contra a constitucionalização, como

maior ironia, daqui abalámos no escalão de uma simples ocorreu em 1932. Nós mesmos na dura contingencia e por companhia para combater, inclusive, contra a nossa civilizada co-irmã a Força Pública de São Paulo.

Sem dúvida, ceder-se-á futuramente ao exercício da democracia azul e brilhante, como certo jornalista lhe dava o colorido. Aí, meus camaradas, sobrevivendo o pandemio estadual, sabereis afastar a onda, a torpe maré e seus efeitos que serão os de sempre quando vierem rolando.

Ressalta que nos prélios eleitorais nossos elementos podem e devem ter sua opinião. Ninguém queira ser anti-civilista, o processo é de evolução.

O mal provém da paixão e pieguice políticas que tanto nos arrasaram. Guardando-se o respeito ao governo, agindo na medida do bom senso e discernimento, é o que importa no cumprimento de nossa missão.

Nosso líder é o comandante geral. Ajudando-o, apoiando o seu programa, em que haja colaboração firme, sobretudo da parte dos oficiais, será como se alcança algum merecimento. Os que agem por fora não têm nada porque lhes falta a consciencia do dever cumprido.

Recebi esse braçado de impressões. Pena é que não pude diminuir a secura e desalinho do comentário, dado, porém, fielmente, à maneira como me afetaram os acontecimentos nos últimos trinta anos.

Mouveu-me até aqui esse anseio sentido por cada um de nós, em maior ou menor intensidade pela Polícia Militar, atrás da verdade. Nela escalei e desci a montanha de frágua em frágua quando não havia a experiencia de hoje.

Juntai essa velha história — ó meus amigos — à nova que ireis construindo e aperfeiçoai o caldo da experiencia, mas tende cuidado com o futuro. A corporação tem sofrido retrocessos, arrastado fases de involução castigada, como sucedeu de 1930 a 35, de 1940 a 50, e até já se viu ameaçada de extinção.

Presas de origem e injunções locais e constituindo fonte de antagonismo entre governantes e a sociedade ainda em formação, é admirável como tem resistido a tantas dissoluções e reformas havidas no País. Seus elementos agindo sob o empirismo que se prolongou no tempo, movimentados ao sabor de conveniencias, só a pouco vêm saindo da

ilharga do chefe político (1) que lhes ditava o santo e a senha. Têm enfrentado nas mudanças de situação vexames e perseguições domésticas terríveis (2), enquanto lá fora, com relação de causa e efeito nesse empirismo, não cessa o bruto necrológio nas topadas com o caboclo ardendo na sua sede de sangue contra a injustiça social.

Com dois dias de praça, tive uma noite de assombro vendo dar entrada no quartel, morto com uma enorme facada, um jovem cabo que se achava de patrulha no Alecrim. Logo adiante eu perdi, todos perdemos a conta e sequencia do sacrifício de vidas a esse custo em nossas fileiras.

Noutra feita eu disse que nós mesmos não entendemos tantos azares que atraímos, e que de nossa parte não houvésssemos de concorrer para aumenta-los. E causticante é a desconfiança do público hereditariamente dividido com a parte da opinião insatisfeita forçando a situação, movendo por vezes autoridades que também se desentendem e voltam, frequentemente, à mira de antigos transbordamentos em que a tropa já se viu empregada como instrumento de opressão e agindo com ~~im~~parcialidade...

O apelo enfim seria para que o nune tutelar medianeiro que sempre se fez sentir nos momentos difíceis vividos na corporação — de referencia constante em conversas de meu querido amigo José Marinho (3) — possa, na

1 — No processo da formação brasileira o senhor rural do tempo do Patriarcado sobreviveu no chefe político do interior, e já na primeira República (Presidencia Campos Sales) fez-se o fundamento da política dos governadores, o esteio da oligarquia ou marretismo, manejando a polícia, o fisco e o corpo de jurados, para controlar na aldeia o eleitorado como sustentáculo do Poder na incipiente democracia.

2 — Citam-se a transferencia para o QS com perda da metade do soldo para oficiais; a exclusão ou expulsão pura e simples, drasticamente, para graduados e praças. Tudo isso poderia ocorrer no futuro pois faz pouca diferença do provincianismo do tempo tomado como referencia com o dagora.

3 — **In Memoriam** — Trata-se de José Ferreira Marinho, o maior exemplo de autodidata que conheci. Sem nenhum preparatório veio para a PM, passando antes pela co-irmã da Paraíba, como simples aprendiz de música.

sua transcendencia, continuar, bafejando, amparando a nossa Policia Militar no rumo de incertezas do futuro.

Espírito arejado, eclético, logo de sargento aqui fez jornalismo, foi professor de música e escotista integrando o movimento em Natal. Deixou larga folha de serviços prestados à Policia Militar onde atuou como um dos seus mais ilustres oficiais.

Transferindo-se para a inatividade, rumou de volta à Paraíba, seu Estado de origem, falecendo em 14.6.70, em João Pessoa, onde era professor do Conservatório de Música.

SEPARATA

T

SEPARATA

MENSAGEM DIRIGIDA À TROPA EM FORMATURA NO QUARTEL DA PM

Meus camaradas:

Sabíeis que me achava de licença-premio e que fui daí transferido para a inatividade. Assim, no dia-a-dia em que vos movimentais, a minha figura aqui se faz, agora, mais velha e fora de forma.

É o nosso último encontro formal. Vim despedir-me da convivência nesta casa e de todos vós.

Para fazê-lo, a primeira associação de idéia que me ocorre havia de ser mesmo a de minha ligação com a Polícia Militar no antigo quartel, à praça cel Lins Caldas.

Lá comecei a servir e foi onde passei quasi metade de meu tempo na corporação. É o amor à casa que reparto com ele, lembrança que me assalta e comove inesperadamente como se ali ficasse todo o meu passado. E há razão de sobra para isso, de relação, inclusive, com o próprio estágio de minha formação profissional.

Recordo de passagem o ambiente que encontrei, num exemplo a tirar de como podem as coisas entre nós sofrer sérias transformações, tendentes sempre para o pior.

Ainda não se escoara a turbulenta década de 30, mas depois dos últimos sucessos que envolveram a tropa até o rebate à intentona comunista, a corporação como que revivescia. Encarregava-se sosinha de guarnecer o Estado. Ali por 1938, com os cursos de formação que florescia, havia o maior estímulo para o ingresso em suas fileiras. Corria no quartel um esforço e dedicação integrados de apoio ao comando, que também fazia desenvolver animado programa de instrução.

Em atuação sobressaía a classe dos sargentos, liderada por José Ferreira Marinho, com seu jornal "A Voz da Caserna", cujo pregão e chamamento incutiam entre os camaradas o mais sadio idealismo.

A fase parecia ser das mais promissoras. Vem des-
toar, porém, a índole da soldadesca dada ainda à baderna,
gerando conflitos agravados em richas com praças do Exér-
cito. E só por isso, indubitavelmente, as autoridades, o co-
mando, vão de providencia em providencia, imprimindo a
mudança da situação pelo esvaziamento da tropa.

Basta dizer que em dois anos apenas, já sob os efei-
tos da guerra, no tempo do Trampolim, procurava-se o estí-
mulo para servir e entre os espíritos só se via o pessimismo.
A vida no Corpo demudada, entregue a um descaso geral
e curioso, como a princípio parecia, e passando-se a viver
de expediente, é quando muitos camaradas foram deixando
as fileiras quasi num exodo.

Longe estava de operar-se o que chamo de milagre da
modernização da Polícia Militar, mas então na minha idade
ainda muito verde associava-me aos ou.ros que obstinada-
mente, se dispuzeram em ficar.

Não cabe estender-me em considerações pertinentes.
De minha longa jornada só vos digo que em tempo sáfaro
— pior do que em ora vos defrontais — perlustrei também
a escala do soldado raso e do graduado na Tropa. Depois,
no oficialato, quasi a mesma coisa, cresceram só as respon-
sabilidades e obstáculos comuns ao próprio serviço, mas não
vos tiro a emulação para esse acesso que deveis perseguir.

Hoje, ninguém mais do meu tempo responde a cha-
mada entre vós. Fôram as mutações, o processo de renova-
ção dos valores, a chamada corrente de sangue novo, asse-
gurando o moto contínuo da guarda, a rendição no serviço,
síntese e causa da missão a cumprir.

Que venham as mudanças a seus efeitos se façam sen-
tir sempre para melhor. Que seja boa a corrente psicológi-
ca no sangue novo a vir chegando. Ao que prevaleça, porém,
o velho espírito de radicalização, aquele de que se dizia ser-
mos uma tropa da Província, pobre em material, sem apa-
relhamento para o desempenho de suas atividades, modes-
ta no seu emprirismo, mas orgulhosa de sua integridade e
imunidade, tendo como símbolo a paciencia, a renuncia, o
sacrifício dos servidores.

Depois dos acontecimentos de 1963, creio que se for-
taleceu esse princípio, como a convicção de que dele é que
vem a força e a melhor tradição da nossa Polícia Militar.

Eis, pois, meus camaradas, adiante no cumprimento
da vossa missão. O esforço que dispendeis, as canseiras, o
sofrimento, enquanto não foram considerados no seu mérito
verdadeiro, valerão sim como edificação de base para a ins-
tituição.

Nessa crença servi. Lá fora continuarei torcendo convosco, seguindo-vos na luta particular e remota tendo-se em vista o gráu de afirmação jamais atingido.

Para mim a impressão da saída é essa. Daqui levamos o ressábio de incompreensões sofridas, mas isso é comum às lutas da existencia em qualquer campo de atividade. Reconhecendo não ser melhor do que ninguém, só me arreceio de alguma injustiça que haja praticado, fora do meu pensamento e ação nos encargos que desempenhei. Não via o interesse de uma só pessoa, nem desse ou daquele grupo, se não conviesse a todo o conjunto. Certo é que não fui entendido entre a maioria dos companheiros, mas afinal convenço-me de que quem agisse nessa intenção não lograria resultado diferente.

Guardarei da Tropa muitas recordações. De momentos bons com ela vividos, e de tantas horas amargas passadas ao seu pé, numa identidade de muitos anos com seus probleas, suas angústias e desalentos.

Como parte dela mesmo sofri intensamente seus dramas, e de como me comportei diante deles, isso adiante poderá ter julgamento que me seja mais favorável.

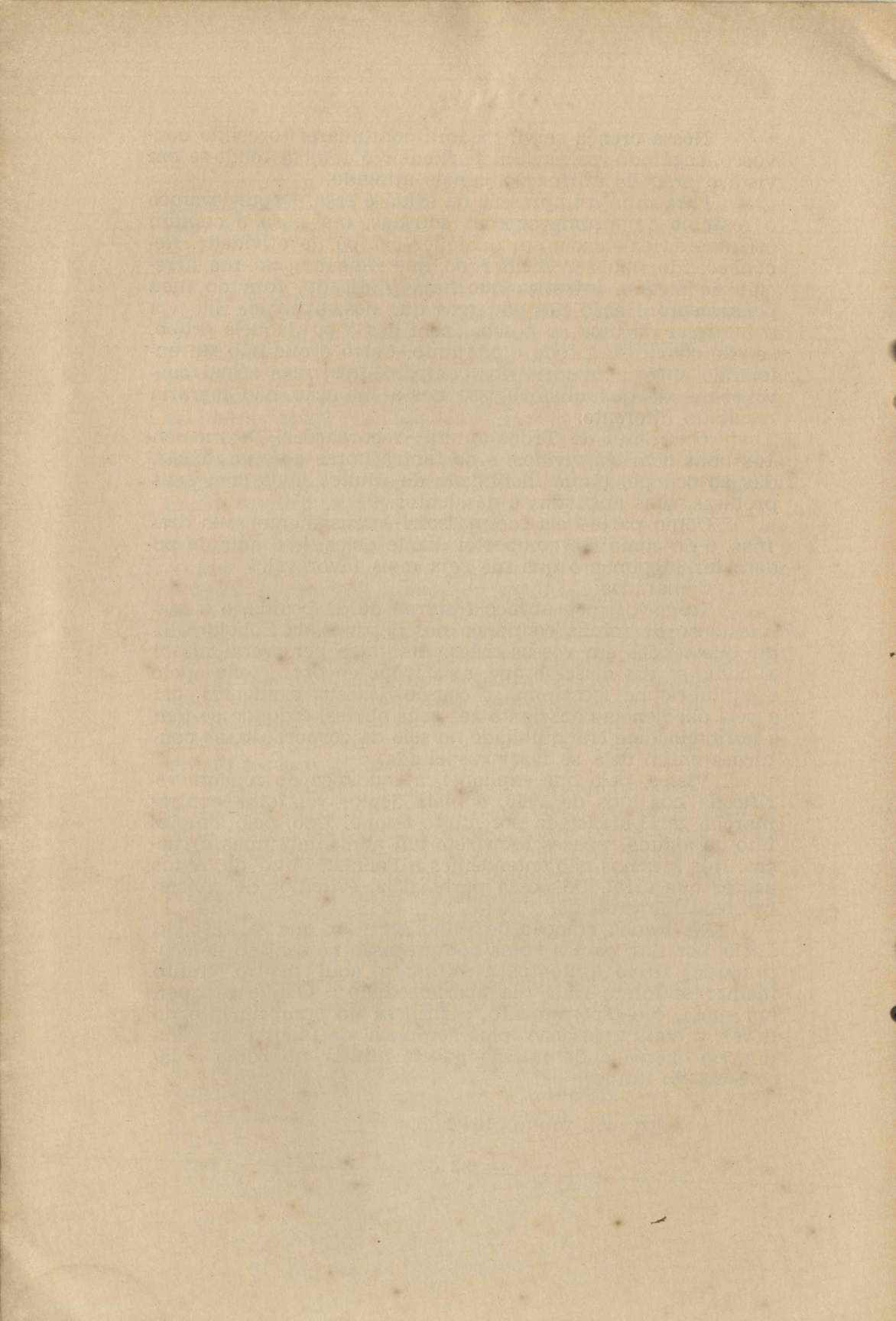
Camaradas:

Trago-vos meu abraço fraterno de despedida, e a manifestação de minha confiança nos destinos da Polícia Militar que tendes em vossas mãos. Atentai e perseverai nisso! É como se vos dissesse que, se a tropa encontra todo apoio e equilíbrio na disciplina e coesão de seus elementos, daí e pela obediencia consciente aos seus chefes, é donde se tem a normalidade e tranquilidade no seio da corporação, as condições enfim dela se fazer respeitada.

Vistes, pelo que expliquei, a mudança de repente verificada nos idos de 1940, e mais deploravel foi a contra-marcha geral arrastada por muito tempo. Isso, pelo simples fato de alguns rapazes teimarem em alimentar umas arruaças. Nós mesmos não entendemos a Polícia Militar de tantos azares que atrai. De nossa parte, pois, evitemos de concorrer para aumenta-los.

Na minha emoção de velho servidor que se despede, apelo, por fim, para a vossa compreensão no sentido de continuardes firme e atentos a militança aqui dentro. Tanto melhor se forem cada dia aperfeçoando-a. O que se quer, em suma, é o discernimento, a firmeza no cumprimento do dever, a conscientização mais completa, de todos e de cada um, no exercício da missão policial-militar no rumo e incertezas do futuro.

A todos meu muito obrigado.



ANEXO

T

ANEXO

Em reunião de conagração de oficiais da Ativa e da Reserva realizada no quartel do Comando Geral da PM, em 31.10.72, o cel Geraldo Gonzaga, agradecendo homenagem que lhe foi prestada, pronunciou as seguintes palavras:

Sr. Comandante Mauro Luiz
Srs. Oficiais da Ativa e da Reserva, amigos fraternais:

É confortador a esta altura de meu desligamento da Polícia Militar, ser atraído a esse encontro, na velha casa, para ser homenageado. Nos termos em que isso se processa vai ser histórico. O essencial, porém, é a sua significação no presente.

Velho servidor de peito liso, como o historiador Luiz da Camara Cascudo taxa os nossos elementos, leva para casa uma placa alusiva à sua maratona de trinta e tres anos na corporação.

Pensemos em que faz-se mais próxima, a chegar, a Medalha de Bons Serviços. A concessão agora da placa poderá suscitar o reexame sobre a viabilidade da condecoração que já existe. Criada em 1953, não foi conferida (nem auferida), por falta, inclusive, do respectivo regulamento.

Para essa demora embrionária sei que tem concorrido, em grande parte, o próprio serviço na PM, prejudicando por si mesmo aquilo que se destina a realça-lo, comunicar incentivo entre os obreiros, no dia-a-dia que muitos camaradas enfrentam, quasi sem repouso, aqui dentro, e fora, expondo a vida, *pour quelque chose*, na guarda do Estado.

Quanto à placa, e no meu caso, receboa como troféu e galardão, símbolo da luta de que participei convosco, na qual vinha de mais longe, sendo quasi o mais antigo entre vós — meus camaradas da Ativa.

Filha do Comandante Mauro Luiz, essa homenagem traduz, em última análise, o sentido da amizade comunicada, que vem de seus antecessores, notadamente do cel Milton Freire, de quem — é lícito supor — estivera mais perto informando-se sobre a sistemática do comando. Assim também, pelo concenso de meus bons camaradas da corporação teria o chefe, com quem não servi, conhecido creio que até meus defeitos na caserna.

Desculpe, Sr. Comandante essas alusões.

Agradeço a consideração, a honra, a placa, o privilégio. Um favor de tal ordem, que, na sua simplicidade, tem valor inestimável, nobilitante.

Por fim, possa essa manifestação, de fundo, na significação de que se reveste, tocar o espírito da casa, como estímulo à unidade, à sensibilidade de servir, dos camaradas mais novos especialmente, em cujos ombros repousem as responsabilidades de rumos e ação, no porvir.

De minha parte só fico contente.

Composto e impresso na Gráfica
Manimbu da Fundação José Augus-
to, sob a presidência do Dr. Dió-
genes da Cunha Lima Filho

T

Copyright © 1917 by
The American Book Company
New York, N. Y.

T

T